

CAPÍTULO 4

RELIGIOSIDADE E SOCIABILIDADE COMUNITÁRIA: possibilidades da (re)construção do lugar

As festas parecem oscilar [...] entre dois pólos: a cerimônia (como forma exterior e regular de um culto) e a festividade (como demonstração de alegria e regozijo)(AMARAL, 1998 apud MAIA, 1999, p.193).



Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Olhos D'água: Missa realizada durante o sétimo dia de novena da Festa de São José do Moreno 2006. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 03/2006.

No capítulo anterior, foram analisadas as transformações ocorridas no lugar, devido à especialização das atividades agropecuárias nas propriedades rurais da comunidade Tenda do Moreno, que submeteram as unidades de produção familiar à ampliação de suas relações sócio-econômicas com o mercado, bem como às imposições decorrentes da reprodução do capital.

Como pôde ser visto, essas transformações não se deram somente em nível da produção, mas também afetaram, diretamente, algumas práticas culturais presentes no lugar, devido, principalmente, à subordinação dos pequenos produtores familiares à lógica do capital. Essa nova realidade lhes impôs a necessidade de direcionar as unidades de produção familiar para atender às imposições do mercado como forma de conseguir recuperar o dinheiro investido e, com esses rendimentos, adquirir, no mercado, parte dos seus meios de vida.

A especialização das atividades agropecuárias e a ampliação das relações sócio-econômicas, entre os pequenos produtores e o mercado, fizeram com que se criasse, constantemente, a necessidade da geração de rendimentos monetários. Sendo assim, foi preciso implementar mudanças nos ritmos e relações sociais de produção, as quais influenciaram no desaparecimento das práticas de ajuda mútua e algumas práticas religiosas, redefinindo os momentos dedicados à solidariedade e à sociabilidade comunitária.

Dentre as práticas culturais e religiosas cuja manifestação, no lugar, não se faz possível na atualidade (2007), podem-se destacar os encontros promovidos pelos clubes de jovens e de mães da comunidade; os mutirões das fiandeiras, que visavam executar tarefas relacionadas ao preparo de fios de algodão, os quais eram acompanhados pelas cantorias das mulheres; e as rezas realizadas aos pés dos

cruzeiros, pedindo chuvas para as plantações e, sobretudo, esperanças em boas colheitas.

Dessa forma, os membros da comunidade perderam parte dos elementos sócio-culturais que estruturavam os laços comunitários das pessoas com o lugar, fazendo com que a reprodução dos festejos religiosos se tornasse a forma mais importante de integração afetiva entre os moradores. Essas práticas eram motivadas e possibilitadas a partir de valores morais e religiosos comuns a todos, porém as motivações, sentidos e significados das festas sofreram mutações, no imaginário e no cotidiano de vida de cada pessoa. Por isso, entende-se que a festa religiosa ainda é um evento poderoso, capaz de reunir pessoas.

Cabe ressaltar que, no bojo dessas transformações, o lugar foi-se particularizando e revelando contradições ocasionadas pelo convívio de diferentes temporalidades sociais no espaço.

Apesar das mudanças, prevaleceram práticas culturais e religiosas que podem ser entendidas como resíduos de relações sociais de momentos históricos pretéritos, mas que, de certo modo, potencializam o encontro comunitário e o envolvimento das pessoas, enquanto grupo social pertencente ao lugar Tenda do Moreno.

Nas vivências de campo pôde-se verificar que a reprodução do modelo agrário de produção de subsistência familiar, que vigorava nas pequenas propriedades, dava aos produtores condições de garantirem certa autonomia sobre o tempo livre das famílias, pois o ritmo de trabalho diário era mais lento, se comparado à realidade atual (2007), principalmente nos períodos de entressafra

agrícola, que correspondiam aos meses de estação seca no clima do Cerrado, ou seja, de abril a setembro.

“Trabaiava, mas não era forçado igual hoje não, era um serviço que nós trabaiava mais folgado sabe, não tinha esse ritmo de vida de hoje, não tinha esse aperto de vida que tem hoje. Essa vida corrida que tem hoje não existia não, chegava tarde assim saía e ia na casa dos vizinho, nas casa um dos outros conversá, o pai e mãe conversava e os menino brincava no escuro de pique, nos terreiro”.¹

“Pra encontrar os vizinhos era só dia de domingo né, se quisesse encontrar eles tinha que arriá um cavalo ou senão ir de a pé ou quando fazia os mutirão”.²

O “aperto de vida que tem hoje” mencionado pelo produtor rural não se refere somente ao ritmo de trabalho desenvolvido, atualmente (2007), nas atividades agropecuárias. Entende-se que esse “aperto” reflete, também, a situação dos produtores relacionada às necessidades ligadas a reprodução das unidades de produção familiar, na perspectiva do mercado.

Atualmente (2007), a conquista dos meios de vida não se refere apenas à produção de alimentos e rendimentos monetários, mas do lazer e prazeres da vida, representados, principalmente, pelos momentos de sociabilidade comunitária, inscritos nas práticas culturais e religiosas das pessoas do lugar.

Como foi demonstrado, a lógica das unidades de produção familiar não é inteiramente capitalista, pois os produtores buscam, em primeiro lugar, o sustento das famílias. Nesse propósito, eles se submetem às imposições do mercado, mas conseguem manter certas práticas sócio-culturais e realizar arranjos que tornam possível reproduzir a unidade de produção familiar, mesmo que isso implique mais trabalho, nos processos produtivos.

¹ Pesquisa de campo realizada com E.G.P. (61 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

² Pesquisa de campo realizada com V.C. (77 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

Desse modo, a lógica da produção imposta pelo mercado tende a subtrair das pessoas as possibilidades de realizações de relações sociais de outros momentos históricos, ou seja, usar o tempo livre e dedicá-lo às práticas culturais ligadas à religiosidade católica e à sociabilidade comunitária. Sem dúvida, o tempo livre tende a ser encurtado, reduzido, miniaturizado, mas o curioso disso tudo é que essas práticas não desaparecem por completo.

Nesse contexto de sobrevivência de práticas sociais tradicionais, as pessoas continuam se reunindo para fazer a festa, como possibilidade de estabelecerem momentos de sociabilidade comunitária, bem como de se sentirem como pertencentes ao lugar. Para isso, esforçam-se para manter o encontro comunitário, por meio das práticas religiosas.

*“Quando fazia mutirão convidava todo mundo pra dá uma de mão, dado, você trabalhava por exemplo na sexta-feira, convidava todo mundo, da região inteira, aí ia todo mundo...**trabalhava, mas não ganhava nada, mas só que aí no sábado tinha o baile e dava comida. [...] O mutirão quando dava um serviço grande, que tinha muita gente, ia até cem pessoas, era comida no tacho, aquele monte de muié cozinhando, fazia comida pra aquilo tudo**” (grifo nosso).*³

Neste caso, pode-se compreender que as perdas das práticas sociais, geradas e instituídas em outros contextos, não são totais, mas contornadas e compensadas pela criação de arranjos que permitem às pessoas inscreverem, no lugar, suas necessidades, motivações e interesses.

Certamente, no passado, as possibilidades de se estabelecerem encontros entre os membros da comunidade eram mais amplas; entretanto, neste momento, não podem-se fazer presentes na mesma intensidade, devido às transformações

³ Pesquisa de campo realizada com E.G.P. (61 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

socioespaciais, descritas no terceiro capítulo, que ocasionaram importantes implicações nas relações sociais entre os membros da comunidade.

A subordinação dos produtores à lógica do mercado condiciona o tempo do trabalho como momento da realização da reprodução das pequenas propriedades familiares, por meio da mercantilização da produção. Nesse processo, o tempo dedicado, anteriormente, às práticas de ajuda mútua, hoje (2007) se torna inviável, pois o tempo de trabalho tem valor monetário e se vincula à lógica capitalista, ou seja, ao lucro.

Sendo assim, as relações sociais de produção que permanecem fora da lógica do capital e da sua reprodução ampliada somente se justificam na forma de trabalho familiar, que visa garantir a conquista dos meios de vida das famílias.

Resta às pessoas do lugar realizarem as práticas culturais e religiosas que se configuraram como resíduos de relações sociais, as quais, no cotidiano, se tornam possibilidades de vivenciarem conteúdos de outros momentos históricos. Contudo, esses resíduos convivem no mesmo espaço, em certos casos miniaturizados ou inibidos devido às ausências de alguns componentes sócio-espaciais, como o caso dos bairros rurais, que inexistem no contexto das imposições da modernidade.

Nesse contexto, a religiosidade não desaparece, mas assume outros propósitos, na medida em que proporciona novos sentidos e significados ligados à manutenção dos costumes inscritos nos festejos religiosos. Esses eventos são considerados como sendo uma prática cultural coletiva das pessoas do lugar, que envolve a comunidade e reproduz as possibilidades de momentos de sociabilidade comunitária do grupo social.

Referindo-se aos momentos de sociabilidade comunitária, ligados à religiosidade católica e que ainda perduram na comunidade Tenda do Moreno, entende-se que a realização desses eventos acontece por meio de iniciativas autônomas de algumas famílias, conforme o caso dos festejos juninos, em louvor a Santo Antônio (13/06), São João (24/06) e São Pedro (29/06).

Desse modo, os resíduos das relações sociais são percebidos nas práticas culturais ligadas à religiosidade dos membros da comunidade, tidas como possibilidades de realização de momentos de sociabilidade comunitária. Essas práticas se inscrevem, no lugar, por meio da organização de eventos religiosos, como a cerimônia de coroação de Nossa Senhora Aparecida e, principalmente, da festa de São José do Moreno. A reedição das festas religiosas se traduz em oportunidades para o lazer e a reunião das pessoas, como sendo uma necessidade ligada à produção dos meios de vida.

Portanto, as considerações sobre a produção dos meios de vida não podem se referir somente à aquisição dos recursos alimentares, mas se estendem às opções de lazer, à religiosidade e à sociabilidade comunitária.

Para alguns moradores da comunidade Tenda do Moreno, a realização dos festejos religiosos em louvor aos santos católicos faz parte da tradição religiosa das famílias e se constitui em reunir as pessoas para homenagear seu(s) santo(s) de devoção, conforme foi salientado no item 2.2.2, do segundo capítulo.

“Nóis aqui tem devoção com São Pedro né, nós até festeja São Pedro todo ano, já vem com essa tradição antiga, eu não lembro bem como é que foi a vida dos meus pais com São Pedro não. No tempo da minha mãe a gente ajudava eles a festejá, e depois eles morreu, aqui era a sede deles e eu

fiquei tomando conta desse São Pedro outra vez, toda vida até hoje eu tô com o São Pedro aí só”.⁴

A ligação de algumas pessoas da comunidade com as santidades demonstra uma proximidade, pois quando estas fazem menção ao nome do santo de devoção das famílias, parecem se referir a um ente querido, próximo de seus círculos de convivência familiar.

A personificação dos santos de devoção permite compreender o papel que estes assumem, seguramente, como mediadores entre os devotos e as divindades superiores, na hierarquia sagrada.

As relações dos devotos com os rituais religiosos são viabilizadas e materializadas por meio das imagens sagradas, as quais são tratadas como elementos fundantes da vida cotidiana. Ao abordar a questão da ligação dos devotos com seus santos de devoção, Queiroz (1973) mencionou que:

O santo é a um tempo natural e sobrenatural. Natural pela imagem modelada em argila ou talhada em madeira; sobrenatural pela sua essência. Natural e sobrenatural significa que os mortais podem exercer sobre ele influência (QUEIROZ, 1973, p.85).

Assim como em outras regiões do Brasil, na comunidade Tenda do Moreno as famílias desenvolveram diversos hábitos e costumes relacionados ao tratamento dado às imagens sagradas que fazem parte dos rituais católicos.

É comum observar, nas residências, o cuidado das pessoas com os locais das casas e/ou fazendas onde são colocadas as imagens, as quais recebem tratamentos que se fazem notar no seu embelezamento especial.

⁴ Pesquisa de campo realizada com E.R.M. (75 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

No entanto, em certos casos o descontentamento com o santo, ocasionado por problemas e dilemas da vida, pode resultar em descuidos com as imagens das santidades. No imaginário das pessoas do lugar, não cuidar das imagens sagradas representa uma forma de manifestar insatisfação na obtenção do auxílio espiritual.

Como a relação entre o devoto e o santo é direta, quando, subjetivamente, as pessoas não se vêem atendidas, pode-se observar, nas residências, o descuido com a imagem sagrada, que demonstra uma forma de se castigar o santo.

Os compromissos familiares em cultuar e louvar os santos estimados são reflexos das identidades religiosas individuais, visto que, na hierarquia das santidades, o padroeiro da comunidade aparece em primeiro lugar, na opinião dos moradores locais. Essa condição reflete a necessidade das pessoas de destacar a importância dos rituais religiosos de forma coletiva, pois sem o envolvimento do grupo social, a reedição das festas comunitárias poderia estar restrita às motivações individuais.

Desse modo, apesar de os festejos religiosos, realizados em louvor aos santos de devoção das famílias, reunirem parentes, amigos e vizinhos, além de antigos moradores que outrora residiram no lugar, o caráter integrador desses encontros não possui a mesma intensidade daqueles promovidos a partir da união de esforços dos moradores, como é o caso da festa de São José, padroeiro da comunidade.

4.1 – Festa de São José do Moreno: manifestação da vitalidade do lugar.

Assim como todos os santos católicos, São José possui uma data própria no calendário católico romano para sua veneração pelos fiéis, a qual foi estipulada, desde o século XV, como sendo 19 de março. Os atributos mais relevantes do santo estão relacionados à sua imagem como esposo da Virgem Maria e pai de Jesus Cristo, que o elevou a protetor da Sagrada Família.

Além disso, ele é considerado, também, o padroeiro universal da Igreja e dos trabalhadores. “Com poucos, mas significativos traços, os evangelistas descrevem-no como cuidadoso guardião de Jesus, esposo atento e fiel, que exerce a autoridade familiar numa constante atitude de serviço” (PAPA JOÃO PAULO II, 2003)⁵.

Na comunidade Tenda do Moreno, São José é considerado como padroeiro do lugar, bem como das famílias. Como pôde ser analisado no segundo capítulo, desde a construção da capela local foi instituída uma comemoração religiosa em seu louvor, conhecida como Festa de São José do Moreno.

No que tange ao ato de nomear a capela, descobriu-se que os membros da comunidade fizeram a junção do nome do santo, *São José*, com a palavra *Moreno*, que indicava sua localização na época da sua construção, visto que esta se encontra situada no antigo bairro rural denominado Moreno (Figura 31).

⁵ Parte de discurso feito pelo Papa João Paulo II em audiência realizada no dia 19 de março de 2003. Disponível em: <http://www.vatican.net/holy_father/john_paul_ii/audiences/2003/documents/hf_jp-ii_aud_20030319_po.html>. Acesso em: 12/2006.



Figura 31 – Comunidade Tenda do Moreno – Capela São José do Moreno: detalhe da inscrição do nome da capela em sua fachada frontal. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 03/2006.

Analisando-se as motivações dos moradores locais relacionadas à escolha do nome da capela, percebe-se que sua nomeação reflete a intensidade da ligação sentimental das pessoas com o santo e, também, com o lugar.

A importância de São José, para os moradores da comunidade Tenda do Moreno, fortalece-se no lugar, por meio dos conteúdos da religiosidade que atribuem ao santo as realizações ligadas à união e ao envolvimento das famílias, por meio da conquista dos meios de vida. Portanto, desde a época em que vigorava a produção de subsistência familiar até a atualidade (2007), as relações entre os membros familiares representam uma instituição vital nas suas práticas produtivas, sócio-culturais e religiosas.

Os resíduos das relações sociais que têm origem na ligação religiosa das pessoas com o santo padroeiro persistem, na festa, como sendo uma manifestação

das possibilidades de realizações dos prazeres da vida, as quais potencializam a sociabilidade comunitária e criam novas formas de se enfrentarem as contradições e complexidades da vida moderna, pois representam elementos culturais típicos de outras temporalidades sociais.

Sendo assim, esses elementos apresentam racionalidades que particularizam a reprodução das relações sociais que especificam o lugar dentro do global. Segundo Carlos (1996, p.26): “[...] O lugar aparece como um desafio à análise do mundo moderno exigindo um esforço analítico muito grande, que tente abordá-lo em sua multiplicidade de formas e conteúdos, em sua dinâmica histórica.”

Por meio da incursão histórica realizada ao longo dos capítulos deste trabalho, compreende-se que, na comunidade Tenda do Moreno, a diversidade de formas e conteúdos presentes no lugar está relacionada às diferentes temporalidades sociais inscritas no mundo vivido das pessoas, a partir da memória coletiva.

Essas considerações se afirmam, principalmente, no que se refere à influência da religiosidade católica na formação dos valores morais, na reprodução das práticas religiosas, bem como no desdobramento de relações sociais sustentadas por elementos históricos da vida comunitária. Portanto, para vários produtores rurais, ficou evidenciado que “[...] Através dessa memória, cria-se uma imagem de que o presente é uma construção determinada pelo passado (FELIPE, 2001, p.15).”

Pode-se verificar que as pessoas envolvidas na realização da festa de São José do Moreno conseguem saciar parte de suas necessidades, configuradas pelas

formas de sociabilidade e lazer inscritas na festa, fora da perspectiva econômica, ou seja, da mediação do dinheiro.

As figuras centrais envolvidas na organização da festa de São José do Moreno são os novenários, o pároco local e, principalmente, os festeiros. Os primeiros são responsáveis pela doação de prendas para realização dos leilões beneficentes, sendo que, a cada dia de novena, é escalado um grupo de novenários. Ao pároco cabe a função de comandar os rituais religiosos. Os festeiros são escolhidos todos os anos e somam um total de nove casais, os quais não são, obrigatoriamente marido e esposa.

No calendário religioso da comunidade, a festa do padroeiro possui o maior destaque, sendo que as datas de sua realização variam a cada ano, apesar de 19 de março ser considerado o dia de São José. Desse modo, os festeiros e sacerdotes da Igreja Católica se reúnem para elaborar o calendário festivo que, geralmente, termina no dia do padroeiro.

Contudo, é comum haver mudanças na programação do calendário da festa de São José do Moreno, em face das necessidades dos organizadores. No ano de 2006, o ciclo dos festejos religiosos se iniciou em 10 de março e se estendeu até 08 de abril, visto que os encontros se deram somente na sexta-feira e sábados de cada semana.

A variação anual das datas de realização da festa de São José do Moreno acontece devido aos compromissos diários dos festeiros, bem como das demais pessoas da comunidade, o que, em algumas ocasiões, dificulta o envolvimento deles na organização dos rituais e eventos religiosos.

Sendo assim, faz-se necessário estabelecer esses arranjos e negociações para se elaborar a programação dos eventos e conseguir realizar boas festas, que agradem os participantes e atinjam as expectativas dos devotos, pois se trata, também, de uma homenagem em louvor ao santo.

A criação dos arranjos e negociações, por parte das pessoas promotoras da festa de São José do Moreno, representam uma tentativa de se racionalizar as práticas culturais e religiosas que permanecem na comunidade, ou seja, os resíduos sociais das manifestações da religiosidade católica. A partir disso pode-se fazer aquilo que, atualmente (2007), é possível, por meio das pessoas presentes nesses espaços, as quais são capazes de inscreverem no lugar as suas habilidades e conhecimentos, como parte dos seus envolvimento na busca dos prazeres e satisfações da vida.

Apesar de as mudanças no calendário anual da festa serem estabelecidas em conjunto com o pároco local e demais membros da comunidade, os festeiros possuem autonomia nas decisões, pois as novenas que compõem os festejos são realizadas em suas residências, com exceção do dia de encerramento.

Essa postura assumida na organização das festas religiosas representa um costume, criado desde os primórdios de formação da comunidade Tenda do Moreno, devido às características da religiosidade das pessoas do lugar, naquele momento histórico, quando a presença dos sacerdotes da Igreja Católica era incipiente ou inexistente no meio rural, conforme pôde ser analisado nos dois primeiros capítulos..

O ciclo dos festejos religiosos em louvor ao santo padroeiro é constituído pela realização da novena nas residências dos festeiros e, também, por missas na Capela São José do Moreno, geralmente no último dia da festa. Como a novena

possui a duração de nove dias, cada casal de festeiros fica responsável por um dia, pois eles somam nove casais.

Nas vivências realizadas durante a novena da festa de São José do Moreno, no ano de 2006, pôde-se perceber a dedicação dos festeiros, manifestada na preparação das residências, com o objetivo de promover uma recepção calorosa aos visitantes, por meio do embelezamento dos locais de celebração das missas, bem como pela oferta de quitandas, café e sucos.

Desse modo, cada casal de festeiro se esforça para obter destaque entre os demais, como forma de conseguir elogios e comentários positivos, por parte dos participantes dos festejos, a respeito da sua dedicação em relação à organização dos eventos. Os sucessos alcançados pelos festeiros lhes concedem prestígio social e projeção política na comunidade e atendem suas expectativas em relação às homenagens ao santo padroeiro.

Cabe ressaltar que esse tipo de comportamento, percebido nas ações dos festeiros, reflete uma condição socialmente construída no mundo vivido dos membros da comunidade, visto que a festa representa uma oportunidade para os festeiros serem percebidos no interior do grupo social, bem como de se estabelecerem identidades e pertencimentos, por meio das relações sociais vivenciadas no e com o lugar.

A novena da festa de São José inicia-se com a realização de uma carreata que leva a imagem do padroeiro, da capela até a residência do primeiro casal de festeiros, onde acontece a abertura oficial dos festejos.

Ao chegar ao primeiro destino, a imagem do padroeiro costuma ser entregue, pelas mãos do pároco da comunidade, ao casal de festeiros, os quais são responsáveis por carregar a imagem até o local onde será realizada a celebração da missa. Nos dias seguintes, a imagem de São José é transportada pelos festeiros até a próxima residência, onde prossegue a novena, sendo que o ritual de entrega da imagem acontece entre os próprios casais de festeiros (Figura 32).



Figura 32 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Pindaíba: festeiro recebe a imagem de São José para transportá-la até o local improvisado para celebração da missa. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 03/2006.

As recepções da imagem de São José, nas residências, despertam entusiasmo e emoção nos festeiros, que demonstram sentir a presença da própria santidade. Trata-se de um momento de especial atenção, dedicado a todos que se fazem presentes no local do ritual religioso. Na maioria dos casos, as pessoas recebem a imagem em mãos e logo prestam suas homenagens individuais, configuradas por pedidos de benção, orações e saudações.

Nas residências dos festeiros, os locais onde acontecem as celebrações das missas realizadas pelo pároco da comunidade geralmente são improvisados, com a colocação de vasos com flores e de mesas cobertas por forros de tecido e enfeitadas com velas, além de imagens de São José e outros santos a que as pessoas têm devoção (Figura 33).



Figura 33 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Pindaíba: disposição do local preparado para celebração da missa. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 03/2006.

Nos locais onde acontecem as missas, as pessoas organizam a disposição das mesas, enfeites e imagens sacras, com o objetivo de representar, o mais próximo possível, as características dos altares das igrejas católicas, pois, no imaginário dos devotos, esses espaços instituem um lugar sagrado nas residências, no qual o padre medeia a relação da santidade com os fiéis.

Essas práticas fazem parte de um ritual que vai-se traduzindo em compromissos, mas, sobretudo, em representações, as quais se ampliam como mediações das relações sociais inscritas no cotidiano dos membros da comunidade.

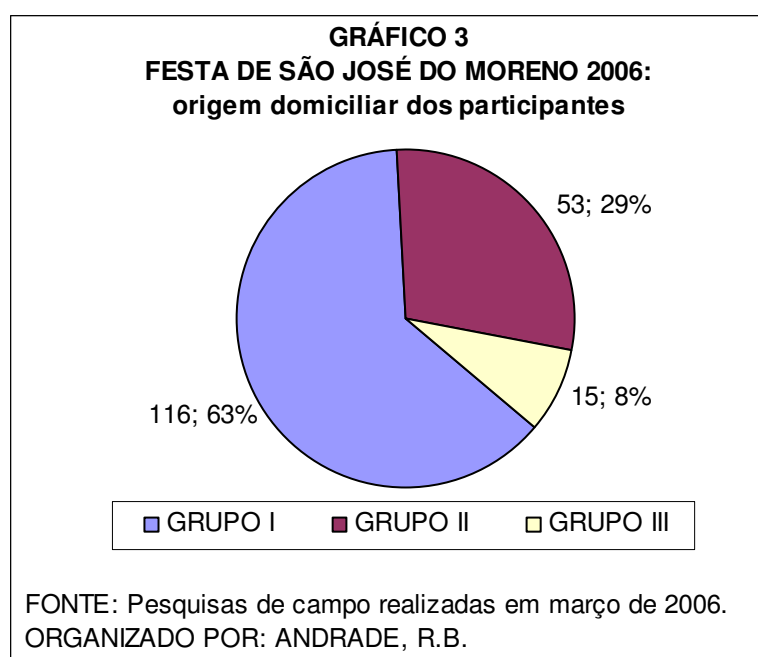
De acordo com as dimensões de suas residências, os festeiros organizam os locais onde são celebradas as missas, para que os visitantes possam se sentir confortáveis. Portanto, são colocados tamboretos, assentos de madeira e cadeiras, para que as pessoas se acomodem. No entanto, geralmente, isso não é possível, em vista da presença de expressivos contingentes de participantes que, em algumas ocasiões, ultrapassa o número de 100 pessoas (Figura 34).



Figura 34 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Olhos D'água: aglomeração de pessoas durante a celebração de missa. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 03/2006.

Em pesquisa de campo, durante a realização de visitas às novenas nas residências dos festeiros, no ano de 2006, foram distribuídas listas de presença para que se pudesse verificar a origem dos visitantes. Sendo assim, registrou-se, em dois

dias diferentes, ou seja, sábado (25/03) e sexta-feira (31/03), a participação de 184 pessoas, as quais foram divididas em três grupos: I – moradores locais; II – proprietários rurais locais residentes na cidade de Uberlândia, antigos moradores, e parentes de autóctones; III – moradores de comunidades vizinhas e outras áreas rurais do município de Uberlândia.



Analisando-se os dados do gráfico 3, que demonstra a origem domiciliar dos participantes da festa de São José do Moreno 2006, pode-se verificar que 116 pessoas, aproximadamente 63% do total, eram representadas por moradores locais; 53 (29%) constituíam antigos moradores, proprietários rurais locais, residentes na cidade de Uberlândia, e parentes de moradores do lugar; e 15 pessoas eram representados por moradores de comunidades vizinhas e outras áreas rurais do município de Uberlândia, aproximadamente 8% do total.

Considerando-se que apenas as pessoas classificadas pelo grupo I constituem, efetivamente, membros “de dentro” da comunidade Tenda do Moreno, o

restante dos participantes, reunidos nos grupos II e III, ou seja, os “de fora”, representavam 37% do total de participantes pessoas nos dois dias da festa de São José do Moreno 2006.

As missas realizadas durante a novena da festa de São José contêm a maioria dos rituais inscritos nas capelas e igrejas católicas, salvo algumas adaptações, como o caso do ritual de benção e purificação das residências, executado ao final das celebrações.

“[...] O mais importante para nós é a santa missa, dentro da qual nós revemos a espiritualidade de São José. Nós realizamos a novena com a benção das casas, das pessoas, é isso que faz a diferença e é o que realmente justifica a nossa fé”.⁶

Durante o ritual o padre, na presença do casal de festeiros, percorre todos os cômodos das residências executando uma série de orações e gestos com ramos de folhas, os quais são emersos em recipientes com água benzida nas missas. Com os ramos de folhas nas mãos o padre lança gotas de água nas paredes das casas, simbolizando a purificação das residências (Figura 35).

Ao adentrar nas residências, o padre aproveita a ocasião para abençoar as prendas doadas pelos novenários do dia, que serão leiloadas logo após o término dos rituais religiosos (Figura 36).

⁶ Pesquisa de campo realizada com L.M.P.M. (50 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.



Figura 35 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Olhos D'água: ritual de bênção e purificação das residências sendo executado pelo padre. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 03/2006.



Figura 36 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Pindaíba: padre abençoando as prendas doadas pelos novenários para serem leiloadas. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 03/2006.

O ritual de benção e purificação das residências é considerado, pelos festeiros, como sendo o momento mais importante das novenas, pois entende-se que este protege as casas das “coisas do mal”, ou seja, qualquer tipo de malefício que possa se relacionar à vida das famílias.

Analisando-se os significados atribuídos pelas pessoas ao ritual de benção e purificação das residências, pode-se compreender sua função no que tange à institucionalização do sagrado. Desse modo, o ritual se nutre dos costumes ligados à religiosidade dos moradores locais, visto que não se refere somente àqueles espaços usufruídos pela coletividade, mas podem-se constituir, também, na individualidade, por meio da moradia dos festeiros.

As práticas religiosas presentes na comunidade Tenda do Moreno, aqui entendidas como parte dos resquícios de outros momentos históricos, também se intercomunicam com o mundo da produção, na medida em que seus sentidos e significados vão além dos compromissos religiosos e permeiam também a busca das pessoas pelas realizações materiais da vida.

De certo modo, pode-se dizer que a complexidade do mundo vivido se assenta na influência exercida pela religiosidade, em diferentes esferas do cotidiano dos moradores locais, e institui uma gama de particularidades e conteúdos culturais cujas temporalidades potencializam a reprodução do lugar.

As prendas são caracterizadas por produtos industrializados ou de origem caseira de variados tipos, como bebidas, doces, salgados, quitandas, carnes preparadas e frutas, dentre outras doações (Figura 37).



Figura 37 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Pindaíba: variedade de prendas colocadas sobre a mesa. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 03/2006.

No imaginário das pessoas do lugar, o ritual de benção das prendas doadas para a realização dos leilões beneficentes tem o objetivo de tornar sagrado o ato de doação e, também, ajudar a justificar os valores monetários que são estipulados para as prendas, visto que os custos das mercadorias leiloadas se distanciam dos preços de mercado. Além disso, o ato de compra dessas prendas também reflete os compromissos dos devotos para com o santo e a comunidade, ou seja, sua doação para a manutenção das festas religiosas.

Logo após o término dos rituais religiosos, que constituem o momento sagrado da festa de São José, iniciam-se os leilões das prendas, em sua maioria bebidas e alimentos prontos para o consumo imediato. Isso estimula a sua aquisição, por parte das pessoas que permanecem nas residências dos festeiros, após as missas (Figuras 38/39).



Figuras 38/39 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Pindaíba: leiloeiros apresentando as prendas para serem leiloadas. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 03/2006.

O período de realização da festa de São José do Moreno, na maior parte dos anos, coincide com a quaresma⁷, época tida pela Igreja Católica como sendo um período de privação, penitência e meditação, sendo recomendado que os fiéis deixem de fazer aquilo que é considerado como prazeroso ou profano.

Desse modo, na comunidade Tenda do Moreno, os festeiros evitam introduzir músicas e danças após os rituais religiosos das novenas. No entanto, percebe-se que as pessoas possuem valores, hábitos e costumes diferenciados, no que se refere às atitudes consideradas impróprias para o período da quaresma.

Cabe analisar como os valores individuais e coletivos definem o “sagrado” e o “profano” nos festejos religiosos, pois percebe-se que os leilões beneficentes não

⁷ De acordo com os fundamentos do Cristianismo, a quaresma dura 40 dias. Esse período se inicia na Quarta-feira de Cinzas e se encerra no Domingo de Ramos. Durante esse tempo se recomenda aos fiéis fazerem um esforço para recuperarem o verdadeiro sentido de viver como filhos de Deus. Disponível em: <<http://www.santamaria.org.br/Conteudo.aspx?A=158&C=468>>. Acesso em: 01/2007.

são entendidos como sendo pertencentes aos momentos profanos. Portanto, os recursos econômicos resultantes das vendas das prendas são destinados aos gastos de manutenção da capela e, por conseguinte, representam, no imaginário das pessoas, uma doação ao santo e à instituição Igreja Católica.

O sagrado se apresenta absolutamente diferente do profano, isto é, o primeiro relaciona-se a uma divindade e o segundo, não. A palavra sagrado tem o sentido de separação e definição, em manter separadas as experiências envolvendo uma divindade, de outras experiências que não envolvem, consideradas profanas (ROSENDAHL, 1999, p.231).

Tomando como referência as considerações de Rosendahl (1999), poder-se-ia afirmar que a realização dos leilões beneficentes, bem como do baile de encerramento da festa de São José do Moreno, constituem um momento profano dessa festividade, pois, apesar de serem entendidos pelas pessoas do lugar como sendo uma doação ao santo, não se configuram como uma experiência ligada diretamente à santidade.

Apesar de a dimensão sagrada da festa estar ligada a uma situação idealizada pelo divino, que suscita nas pessoas o respeito e a reverência, o fato de os leilões serem identificados com o plano material da vida humana não retira, desse tipo de prática sócio-cultural, um caráter sagrado, pois os leilões representam doações das pessoas para o santo. Contudo, também permitem ampliar as condições materiais face à sacralidade dos rituais religiosos e estabelecer, por meio destes, o seu compromisso, também, com a comunidade.

Por meio da religiosidade dos moradores da comunidade Tenda do Moreno, a instituição das práticas sócio-culturais, como o caso dos leilões beneficentes, tidos como momentos sagrados ou profanos da festa, visa promover a sociabilidade comunitária, bem como anunciar possibilidades de os participantes desfrutarem do

seu tempo livre no/com o lugar, obtendo prazeres que somente são possíveis quando mediados e instituídos pelos compromissos religiosos e comunitários.

Desse modo, percebe-se que, no mundo vivido da comunidade Tenda do Moreno, a separação entre o sagrado e o profano é tênue, diferentemente da rigidez teórico-científica analisada anteriormente por Rosendahl (1999), visto que a religiosidade permeia quase a plenitude dos modos de vida das pessoas, o que reforça as identidades e os pertencimentos das pessoas devotas com o lugar e as suas instituições.

Essa consideração permite compreender parte dos sentidos e significados envolvidos na arrecadação das prendas durante os leilões, pois para algumas pessoas essa atitude simboliza um compromisso com o santo padroeiro.

No entanto, pode-se perceber que, por detrás do religioso encontram-se, também, as aspirações de cada pessoa em relação ao prestígio social, pois aqueles que arrecadam as prendas são tidos como pessoas politicamente importantes entre os membros da comunidade.

Paralelamente aos sentidos e significados dos leilões analisados anteriormente, encontram-se outros, relacionados ao seu caráter lúdico, no que se refere às oportunidades de os participantes desfrutarem momentos de entretenimento e sociabilidade comunitária.

De certa maneira, as habilidades dos leiloeiros tornam-se um atrativo responsável por proporcionar aos leilões uma dose de alegria e humor, pois, ao longo de suas atividades as pessoas presentes são instigadas a participar por meio de piadas e brincadeiras, que nelas despertam risos e gargalhadas.

Portanto, compreende-se que a naturalidade com que os participantes aderem aos diferentes momentos da festa se deve ao ambiente de amizade, cordialidade e alegria criado nos dias de realização dos festejos, em termos de envolvimento carismático das pessoas com a comunidade.

Mesmo assim, não se eliminam os conflitos e desencontros de interesses, pois podem existir desavenças e atritos entre os membros da comunidade que parecem serem deixados de lado, ao menos nestas ocasiões, que são imperceptíveis, aos olhos dos outros participantes.

Neste sentido, pode-se entender a importância da mescla entre os aspectos sagrados, representados pelos rituais religiosos, que colocam os indivíduos em contato com as santidades, e os profanos, ligados ao plano material da vida das pessoas do lugar, visto que esses aspectos possuem seus sentidos e significados no mundo vivido dos membros da comunidade e demais participantes da festa de São José do Moreno.

Cabe ressaltar que a variedade de sentidos e significados, embutidos na festa de São José do Moreno, nem sempre podem ser retratados, em vista das dificuldades inerentes ao registro das subjetividades das pessoas que participam dos festejos religiosos.

4.2 – Religiosidade e comunidade: laços, enraizamentos e pertencimentos com o lugar.

Considerando-se a vida social, cultural e religiosa dos membros da comunidade Tenda do Moreno, pode-se perceber que a capela São José do Moreno representa uma centralidade para onde convergem os moradores locais e também ex-moradores e membros de outras comunidades vizinhas, principalmente nas datas religiosas consideradas mais importantes.

No entanto, a expressão da rede de pessoas, que solidifica os laços comunitários com o lugar, não deriva apenas da presença do espaço sagrado da capela, pois as relações sócio-culturais, instituídas nos festejos religiosos, possibilitam a reprodução de hábitos e costumes que fazem parte dos modos de vida dos moradores da comunidade Tenda do Moreno, bem como nutrem os pertencimentos das pessoas com o lugar, diferentes daqueles descritos e analisados no segundo capítulo.

Analisando-se os fatores capazes de estruturar uma comunidade, encontraram-se diversas abordagens científicas referentes ao uso deste termo, tanto em relação aos níveis de integração – social, cultural, religioso, político, ou econômico – quanto ao espaço onde esses elementos dão aos agrupamentos populacionais a modelagem de uma comunidade, ou seja, sua base territorial, urbana ou rural.

Como os objetivos desta pesquisa foram analisar os elementos sócio-culturais e religiosos, os quais permitem considerar a existência da comunidade no lugar,

entende-se que, apesar de as transformações terem desintegrado parte de suas estruturas constitutivas, conforme o caso das práticas comunitárias outrora realizadas pelos moradores locais, os esforços e envolvimento das pessoas para fazerem a festa permitem considerar o grupo social enquanto uma comunidade.

Nas discussões sociológicas sobre o termo *comunidade* aparece uma série de outros, como *sociedade*, *localidade*, e *identidade*. Aliás, alguns autores buscam a explicação do termo por meio da dicotomia *sociedade* (aspectos gerais da vida humana) e *comunidade* (aspectos particulares da vida humana). Existem aqueles que pregam o desuso do termo comunidade na sociedade moderna, considerando *localidade* como sendo substituto do primeiro.

Estabelecendo-se analogias com o mundo vivido da comunidade Tenda do Moreno, o termo *localidade* não reflete fielmente a rede de relações sociais inscritas no lugar, pois a palavra faz referência somente à base territorial em que se inscreve a comunidade.

Sendo assim, ao se considerar apenas sua base territorial, excluir-se-ia a inserção das pessoas “de fora” no lugar. Os esforços comunitários, direcionados para a realização dos festejos religiosos na comunidade, são possibilitados por meio da rede social, cujos agentes são representados por antigos moradores locais, amigos e parentes dos autóctones, e membros de comunidades rurais vizinhas. Portanto, entende-se que a comunidade se estrutura tanto por sua área territorial quanto pelas relações sociais nela instituídas.

Segundo Maciver & Page (1973, p.124), a comunidade “é uma área de vida em comum. Tem que haver vida em comum com a noção de que se compartilha tanto de um modo de vida quanto da terra comum”.

No caso da Tenda do Moreno, as considerações de Maciver & Page (1973) a respeito de comunidade não se aplicam de maneira completa, pois as características que permitem considerar o lugar enquanto comunidade se referem à influência da religiosidade no mundo vivido, tanto dos moradores locais quanto das pessoas de “fora”, que participam dos festejos religiosos e compartilham aspectos comuns aos seus modos de vida. Esses aspectos permitem aproximações entre as pessoas, as quais se desdobram na elaboração de uma rede de relações sociais capaz de garantir a organização e realização da festa de São José do Moreno.

As práticas culturais envolvidas na realização dos festejos religiosos representam aquilo que os moradores locais e as pessoas de fora podem reproduzir enquanto um grupo social, ou seja, uma comunidade, sem necessariamente conviverem em um lugar de vida comum.

Desse modo, as pessoas “de fora” que participam na realização dos festejos religiosos são motivadas por interesses comuns aos membros da comunidade Tenda do Moreno, ou seja, a prática da religiosidade católica. Isto proporciona aos visitantes a oportunidade de viverem, a partir dos resíduos das relações sociais ou práticas culturais de outros momentos históricos, formas de vida social, cultural e religiosa que lhes proporcionam possibilidades de enfrentar as contradições do mundo vivido na modernidade.

Os homens participam de uma comunidade em virtude das coisas que possuem em comum. O que eles precisam ter em comum para constituírem uma comunidade são objetivos, crenças, aspirações, reconhecimento, uma compreensão [...]. Toda vez que os homens vivem em coletividade, desenvolvem-se, em algum grau, aspectos comuns bastante determinados, como formas de comportamento, tradições, maneiras de falar, etc, que constituem os sinais e os resultados de uma vida comum efetiva (FERREIRA, 1968, p.4, 9).

A aproximação entre os moradores locais e as pessoas “de fora” só se torna possível devido ao fato de compartilharem hábitos e costumes comuns, os quais não podem ser vivenciados fora do lugar, principalmente no caso de antigos moradores, os quais já viveram na comunidade Tenda do Moreno. Sendo assim, o retorno ao local de origem possibilita manter os esforços comunitários que estruturam a rede de relações sociais elaboradas para se realizarem os festejos religiosos, bem como aprofundar os laços sociais entre as pessoas e de pertencimento com o lugar.

Uma comunidade de base pode ser construída a partir de elos de sangue e de aliança que unem os membros de uma mesma família. [...] Partilhar de uma mesma fé religiosa entre irmãos que se reconhecem filhos de um Deus criador é um cimento eficaz. De toda maneira, a vida de uma comunidade tem necessidade de uma base territorial: a distância cria um obstáculo muito real às relações nas quais se baseia (CLAVAL, 2001, p.114).

De certo modo, o fato de os antigos moradores não residirem no lugar inviabiliza um envolvimento maior destes na organização dos festejos religiosos. Contudo, as estratégias e os arranjos produzidos pelos membros da comunidade Tenda do Moreno permitem diminuir os obstáculos impostos pela distância entre a localidade e a cidade de Uberlândia, principalmente, no que se refere aos períodos festivos. Portanto, as festas são programadas para serem realizadas nos finais de semana e feriados, tidos como dias favoráveis para se desfrutar o tempo livre.

Nas pesquisas de campo, procurou-se entender as causas que dificultam o maior envolvimento dos antigos moradores na organização e participação nos festejos religiosos da comunidade Tenda do Moreno. Neste sentido, obtiveram-se algumas interpretações das pessoas do lugar.

“De primeiro o povo tinha parece mais amor mesmo né, hoje não tá virando não, tá muito desiludido o povo, não sei se é porque esparramou igreja demais e o povo andou indo pra cidade né, e as condições de vida também vai ficando custosa né sô, uma pobreza que o povo tá né. Às vez cai muito isso aí porque faz aí uma missa, o cara às vez pra vim da cidade pra cá ele fica pensando, eu vou gastar quinze, vinte contos de gasolina, isso pode

*fazer falta né. Então ele aí já tem lá e ele fica lá mesmo, não se é isso que desiludiu muito essas capela aqui”.*⁸

Pode-se perceber que a instituição da comunidade se insere no lugar por meio da elaboração de estratégias por parte da rede social. Estas são configuradas pelos arranjos estabelecidos pelos agentes que visam diminuir os obstáculos ligados à duração dos eventos, ao deslocamento e permanência das pessoas de “fora”, bem como das escolhas quanto aos dias de realização dos festejos religiosos.

Com isso procura-se garantir a participação de maior número de pessoas nos encontros comunitários, sendo que o tempo de deslocamento das pessoas “de fora” não se torna um empecilho e contribui para sustentar a rede social, a partir da sua atuação conjunta com os moradores da comunidade Tenda do Moreno.

Outra importante estratégia inscrita na realização dos festejos religiosos, principalmente na festa de São José do Moreno, refere-se ao papel das redes familiares, que atuam no sentido de disponibilizar ajuda aos festeiros “de fora”, que não possuem propriedades rurais na comunidade, mas que contam com amigos ou parentes residindo no lugar.

Neste caso, a colaboração dos membros familiares permite o estabelecimento de relações sociais no interior do grupo social e se constitui em importantes “nós” ou matrizes da rede social. Esses “nós” são responsáveis pela elaboração de ações e arranjos necessários à organização da festa, bem como aos encontros entre os moradores da comunidade.

No contexto das relações sociais, produzidas a partir das redes sociais, fortalecidas pela atuação política das famílias residentes na comunidade Tenda do

⁸ Pesquisa de campo realizada com E.R.M. (75 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

Moreno, assenta-se o lugar, tido como espaço socialmente construído, onde se encontra o substrato sócio-cultural e religioso que estimula as ações das pessoas, reunidas por intermédio das redes, por meio dos vínculos com a religiosidade católica.

Portanto, a rede social se faz presente, no lugar, por meio das ações e arranjos criados pelas famílias dos festeiros “de fora”, as quais concedem o espaço de suas residências para a realização das novenas da festa de São José e, também, auxiliam nos preparativos para receber os visitantes.

Neste sentido, pode-se perceber que a rede social, elaborada por meio de ações voltadas à instituição da festa, define-se pelos esforços coletivos realizados pelos moradores da comunidade e das pessoas “de fora”, cuja participação está condicionada às suas relações de parentesco, vizinhança ou amizade com pessoas que vivem ou se consideram como sendo “de dentro” do lugar.

Em certos casos, o empréstimo dos locais de moradia para os festeiros “de fora” também representa, para seus anfitriões, a oportunidade de “receberem o santo”, nas suas residências, por dois ou mais anos consecutivos.

A inserção das pessoas de “fora”, no lugar, acontece a partir das relações sociais produzidas pela rede social e instituídas na realização dos festejos religiosos. Desse modo, sua ligação com o lugar está baseada no fato de compartilharem aspectos comuns da religiosidade dos moradores da comunidade Tenda do Moreno, que promovem sua participação no lugar por meio do envolvimento nas festas. Essas manifestações religiosas reúnem aspectos residuais de relações sociais e valores morais típicos de outras temporalidades sociais, que se apresentam no lugar

como possibilidade de as pessoas vivenciarem momentos de sociabilidade comunitária.

Sendo assim, a festa se apresenta como uma manifestação do lugar que envolve pessoas cujas motivações comuns são representadas pela possibilidade de vivenciarem práticas culturais e religiosas necessárias e presentes no cotidiano, mas originadas em outros momentos históricos.

Cabe ressaltar que a prática da religiosidade, no lugar, se dá por meio da rede social de relações estabelecidas entre os membros da comunidade, a qual permite o encontro das pessoas durante a realização da festa. Neste sentido, a festa é tida como um evento comunitário e representativo do modo de vida rural desta comunidade.

Portanto, a rede social se configura por meio de diversos participantes, inclusive das pessoas “de fora”, cuja atuação também se define por suas carências de espaço e tempo para vivenciarem práticas culturais e religiosas no contexto, do seu lugar de origem.

Analisando-se o envolvimento dos agentes que constituem a rede social no lugar, percebe-se que partilhar da mesma religiosidade das pessoas “de dentro” possibilita aos “de fora” reproduzirem acordos que visam atender novas necessidades que não estão mais vinculadas somente à produção de gêneros de primeira necessidade, mas ao lazer e à sociabilidade proporcionados a partir das festas da comunidade Tenda do Moreno.

O papel das redes familiares também constitui uma contribuição, no que se refere ao incremento numérico de participantes durante a realização dos festejos

religiosos, por meio de convites que incentivam a presença de parentes, mesmo sendo “de fora”, pois a condição de parentesco elimina as desconfianças por parte das pessoas do lugar.

Em alguns casos a participação e a dedicação dos familiares que não residem no lugar, durante os festejos religiosos, podem propiciar-lhes a condição de *status* necessária para serem escolhidos como festeiros (Figura 40).



Figura 40 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Pindaíba: casal de festeiros da festa de São José 2006 (lado direito) e o casal de festeiros escolhidos para o ano de 2007 (lado esquerdo), ambos casais residentes na cidade de Uberlândia. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 03/2006.

Na medida em que os membros da comunidade reconhecem, nessas pessoas, seu prestígio social, devoção religiosa e capacidade de liderança, a oportunidade para se constituírem organizadores da festa se torna uma realidade. Sendo assim, as escolhas dos festeiros são realizadas de maneira pensada e analisada para se garantir o sucesso da festa no próximo ano e evitar críticas por parte dos participantes, pois os créditos ou descréditos são atribuídos tanto aos

festeiros que transmitem as responsabilidades quanto aos que recebem as atribuições.

Os reconhecimentos do trabalho realizado por parte dos festeiros, no que se refere à continuação das festas, são possibilitados pelos acordos firmados entre os antigos festeiros e seus sucessores, que permitem manter suas condições de *status* social perante a comunidade.

Desse modo, os festeiros anteriores acompanham “de perto” as atividades daqueles que os sucedem na função de organizadores da festa de São José, principalmente quando esses últimos são novatos, ou seja, estão desenvolvendo as funções pela primeira vez.

“Antigamente era bão demais as reuniões, hoje é muito diferente a animação, o baile. Hoje nem baile mais naum tem, de uns seis ou mais anos pra cá naum pode mais fazê o baile por causa que veio os pessoal, os rapaizinho de fora que só caçava encrenca, aí acabou os baile. Antigamente nóis organizava os baile e era quatro hora da manhã quando tava acabando os baile”.⁹

Os festeiros e membros da comunidade sempre que necessário, incorporam novidades e fazem adaptações na organização e realização da festa de São José, com o objetivo de garantir os encontros religiosos e a prática da religiosidade dos participantes, bem como os momentos lúdicos de sociabilidade e lazer. Segundo alguns moradores e ex-festeiros, os bailes dançantes realizados no dia de encerramento das festividades foram paralisados durante alguns anos, sendo retomados no ano de 2005, por iniciativa dos festeiros.

Dentre os fatores identificados nas pesquisas de campo, a presença de pessoas “estranhas”, ou seja, visitantes externos ao círculo social da comunidade,

⁹ Pesquisa de campo realizada com C.A.R. (35 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

foi o principal motivo para a interrupção dos bailes dançantes na festa de São José, ainda na época em que a mesma era realizada no salão paroquial¹⁰ da capela São José do Moreno (Figura 41).

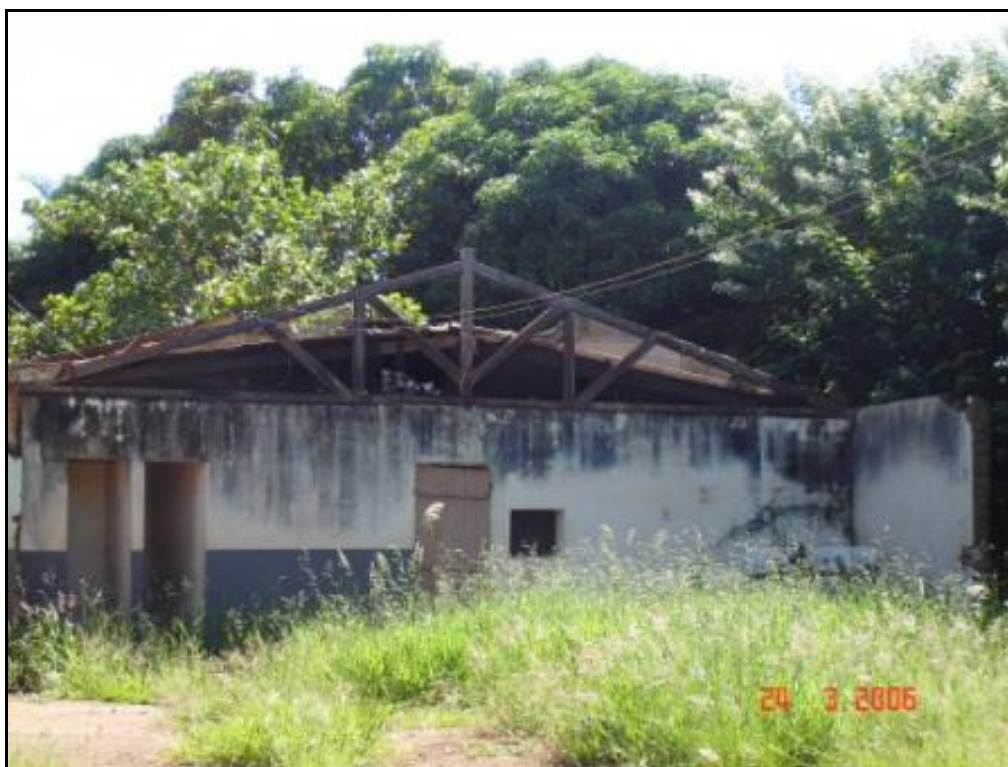


Figura 41 – Comunidade Tenda do Moreno: antigo salão paroquial da comunidade localizado ao lado da Capela São José do Moreno. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 03/2006.

Além da interrupção dos bailes, os festeiros e moradores locais tomaram outra iniciativa, no sentido de evitar a presença de pessoas sem nenhum vínculo social com a comunidade e, conseqüentemente, os estranhamentos, na festa. Sendo assim, as novenas deixaram de ser realizadas na capela São José do Moreno e se transferiram para as residências dos festeiros, fazendo com que se limitasse ou se inibisse a presença de “pessoas estranhas” nos rituais e eventos festivos.

¹⁰ Atualmente, o salão paroquial que abrigava parte dos festejos religiosos se encontra parcialmente demolido. Dois motivos foram citados quanto ao seu desuso: a “poluição visual” causada na fachada da capela, por estar localizado ao lado desta; e a falta de funcionalidade, devido à extinção dos bailes na festa de São José.

Pode-se perceber como a rede social se protege e se estrutura por meio de estratégias que visam manter firmes seus “nós” sociais, representados pelas relações de parentesco, vizinhança e amizade, e reproduzir a festa de São José do Moreno enquanto uma prática religiosa comunitária característica do lugar.

Neste caso, as famílias se apresentam como uma instituição capaz de possibilitar a reprodução dos acordos firmados pelos sujeitos da rede social, no que se refere às motivações comuns compartilhadas sob os vínculos com a religiosidade católica, os quais criam aproximações das pessoas ou grupos sociais com interesses similares em relação à festa.

Neste sentido, percebe-se que a comunidade consegue se reunir e instituir compromissos do grupo social com o lugar. Claro está o fato de que ocorrem adaptações nas diferentes etapas de organização e realização da festa do padroeiro.

Conforme se analisou no segundo capítulo, a reprodução dos festejos em louvor aos santos católicos representa uma prática social antiga, vinculada à religiosidade católica popular, que independe do auxílio dos membros da Igreja Católica, pois acontece por iniciativa das pessoas do lugar.

Pode-se perceber que as iniciativas dos festeiros e moradores locais para manter a tradição da festa de São José como manifestação do espaço vivido fortalece o papel da religiosidade e da sociabilidade comunitária nas formas de pertencimento ao lugar, bem como na consolidação da instituição da festa e da comunidade Tenda do Moreno na atualidade (2007).

Desse modo, o lugar se mantém vivo, particularizado pela mescla de elementos tradicionais e modernos, que instituem uma complexidade de relações fomentadas pelas diferentes temporalidades sociais, as quais se encontram no mesmo espaço. Para as pessoas participantes das festividades, a influência da religiosidade nos seus modos de vida anuncia possibilidades de se viver no lugar aquilo que não se consegue obter em outros espaços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início do desenvolvimento deste trabalho o entendimento dos conceitos chave da Geografia, dentre eles espaço, paisagem, território e lugar, foi extremamente importante para se delinearem os caminhos teórico-metodológicos da pesquisa.

A interpretação da problemática de estudo se deu no sentido de analisar as transformações ocorridas no mundo vivido dos moradores da comunidade Tenda do Moreno que permitem entender a (re)construção do lugar.

Desse modo, enfocou-se o mundo vivido das pessoas do lugar a partir dos costumes, das práticas culturais e religiosas, bem como das relações sociais de produção. O objetivo era analisar o processo de (re)construção do lugar e os arranjos sociais e culturais que permitem às pessoas integrarem-se socialmente, enquanto uma comunidade em pleno século XXI.

Considerando-se esta uma pesquisa vinculada à Geografia Cultural, foi necessário estabelecer alguns elos interdisciplinares com outras ciências humanas, dentre elas, a História, a Sociologia e a Antropologia.

Partindo-se das contribuições dessas ciências, aqui entendidas como sendo afins à Geografia Cultural, buscou-se analisar e compreender as origens históricas da formação sócio-cultural e espacial da comunidade Tenda do Moreno.

Neste sentido, a incursão histórica realizada até o período de ocupação do município de Uberlândia permitiu entender o contexto social e cultural em que foi

sendo alicerçado o surgimento das primeiras propriedades rurais que originaram a comunidade Tenda do Moreno.

Por meio das investigações a respeito das relações estabelecidas entre as populações pioneiras, no seu cotidiano de vida, durante a ocupação das primeiras propriedades rurais no município de Uberlândia, por conseguinte na comunidade Tenda do Moreno, pôde-se compreender o papel da cultura, a partir das técnicas, tecnologias e saberes, na construção do lugar.

Com relação à formação sócio-territorial da comunidade Tenda do Moreno, entendeu-se que sua origem está ligada à fragmentação de sesmarias, primeira forma de ocupação do espaço rural no município de Uberlândia, em pequenas propriedades. Esse processo aconteceu de forma gradativa, pois a criação de núcleos familiares de vizinhança originou diversos bairros rurais que, por conseguinte, foram centralizados pela comunidade.

Nas pequenas propriedades, baseadas no modelo agrário de produção de subsistência, a mão-de-obra familiar, a ajuda-mútua, a religiosidade católica, os costumes relacionados à propriedade da terra e as técnicas, saberes e conhecimentos relacionados à natureza permitiram às populações da comunidade Tenda do Moreno criarem formas de enfrentarem seus conflitos e tensões sociais, bem como manifestarem pertencimentos no/com o lugar.

Contudo, as mudanças incorporadas às paisagens rurais do município de Uberlândia, a partir da modernização das atividades agropecuárias, no início da década de 1970, provocaram transformações no mundo vivido dos pequenos produtores da comunidade Tenda do Moreno.

No que tange às transformações no mundo vivido da comunidade, percebeu-se que as demandas do mercado por produtos hortifrutigranjeiros e as imposições da reprodução do capital foram responsáveis pelo abandono da produção familiar de subsistência familiar e a especialização produtiva das pequenas propriedades em hortifruticultura, a partir da década de 1980.

Pôde-se perceber que as transformações no mundo vivido da comunidade Tenda do Moreno não se restringiram aos processos produtivos agropecuários, visto que se refletiram, também, no desaparecimento das práticas de ajuda-mútua, as quais representavam um importante elemento da sociabilidade comunitária e alimentavam parte das identidades e pertencimentos das populações com o lugar.

Aliada ao desaparecimento das práticas de ajuda-mútua e à nova lógica de produção agropecuária deu-se a redução dos momentos de sociabilidade comunitária entre os moradores locais, pois parte desses eventos foram inviabilizados pela diminuição do tempo livre, devido à subordinação dos pequenos produtores ao mercado e à necessidade da reprodução do capital.

Portanto, parte dos conteúdos sócio-culturais e religiosos que estruturavam o mundo vivido das populações tradicionais na comunidade Tenda do Moreno passou a residir somente no imaginário e nas lembranças das pessoas do lugar, bem como de antigos moradores.

Ao longo do trabalho pôde-se compreender o importante papel da religiosidade católica no mundo vivido dos moradores da comunidade Tenda do Moreno, desde a época de sua formação, na primeira metade do século XIX, seja por meio da realização de festejos nas residências, cruzeiros ou na capela local, cuja

construção atendeu às necessidades coletivas de se possuir um espaço comum para a prática dos rituais religiosos católicos.

Sendo assim, compreendeu-se que, como elemento integrador da comunidade, restaram-se as práticas sócio-culturais e religiosas ligadas à religiosidade católica, por meio da realização dos festejos religiosos, principalmente no que se refere à festa de São José do Moreno, padroeiro local.

Neste sentido, a festa do padroeiro da comunidade foi permeada por arranjos sociais e culturais necessários à manutenção dos costumes ligados à religiosidade católica das pessoas do lugar, bem como de antigos moradores, parentes de autóctones e membros de comunidade vizinhas.

Apesar das mudanças impostas à reprodução das práticas religiosas na comunidade Tenda do Moreno, no que tange à união de esforços entre os moradores locais e pessoas “de fora”, a festa de São José do Moreno se apresenta como manifestação do lugar e também como possibilidade de integração da comunidade.

Cabe ressaltar que as mudanças impostas ao lugar Tenda do Moreno não cessam, pois a sucessão de tempos históricos submete o espaço a um processo contínuo de transformações, as quais podem suscitar a construção de outras problemáticas sociais para a comunidade estudada e, consequentemente, outras pesquisas.

Levando-se em conta as aspirações relacionadas à realização deste trabalho, os resultados alcançados demonstram a necessidade de o pesquisador estar sempre comprometido com as pesquisas empíricas, como forma de elucidar ou

contrapor os conhecimentos teóricos e enfrentar as complexidades e contradições presentes no cotidiano da vida moderna.

Portanto, as categorias espaço e tempo se mostram essenciais no entendimento do movimento que as relações e práticas sócio-culturais, religiosas e econômicas promovem no mundo vivido, o qual coloca os geógrafos em constante confronto com novas problemáticas de estudo.

No caso desta pesquisa, as transformações que vêm sendo incorporadas no espaço da comunidade Tenda do Moreno, as quais não foram aqui delimitadas como problemáticas de estudo, podem suscitar a proposição de novos trabalhos, possivelmente seguindo o caminho da análise dos impactos que poderão ser causados pela chegada de elementos e conteúdos urbanos no cotidiano rural do lugar.

Desde a segunda metade da década de 1990, a expansão territorial urbana, orientada para a porção leste da cidade de Uberlândia, principalmente pela criação dos bairros Morumbi, Joana Darc e Prosperidade, e alguns assentamentos populacionais “ilegais”, vem ocasionando a aproximação das bordas urbanas em direção à comunidade Tenda do Moreno.

Pode-se dizer que algumas propriedades rurais, localizadas na área de abrangência da comunidade, atualmente (2007) fazem limite com os bairros citados anteriormente, sendo que, destes, o Morumbi dista cerca de dez quilômetros do centro comunitário da Tenda do Moreno.

De certo modo, a proximidade da localidade em relação à área urbana do município de Uberlândia, aliada à criação de serviços orientados para o lazer, por

meio de ações particulares de alguns proprietários rurais, vem provocando um fluxo de visitantes, atraídos por diferentes opções de lazer no espaço rural da comunidade.

Devido à construção da barragem da usina hidrelétrica Amador Aguiar I, localizada no rio Araguari, e o enchimento de seu lago, que ocorreu no primeiro semestre de 2006, essas atividades de lazer tendem a diversificar e, com isso, intensificar os usos e apropriações do espaço.

Mais recentemente, no segundo semestre de 2006, a administração municipal concluiu as obras de pavimentação da estrada do *Pau Furado*, que liga a cidade de Uberlândia à comunidade Tenda do Moreno, e também à usina hidrelétrica, mencionada anteriormente. Certamente, o fluxo de pessoas e automóveis em direção à localidade sofrerá um acréscimo, o que poderá ocasionar impactos positivos e/ou negativos no cotidiano de vida dos produtores rurais.

REFERÊNCIAS

ALEM, João Marcos. Representações Coletivas e História Política em Uberlândia. *História & Perspectivas*, Uberlândia, n.4, p.79-102, jan-jun.1991.

ALVES, Kelen Borges et al. Patrimônio Edificado: história e características arquitetônicas. In: SANTOS, Rosselvelt José; ALVES, Kelen Borges (Orgs.). *Registro do Patrimônio Cultural e Edificado das Áreas Diretamente Afetadas, de Entorno e de Influência das Usinas Hidrelétricas de Capim Branco I e II*. Uberlândia: Composer, 2005. p.25-68.

ANDRADE, Manuel Correia de. Territorialidades, Desterritorialidades, Novas Territorialidades: os limites do poder nacional e do poder local. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura (Orgs.). *Território: globalização e fragmentação*. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1996. p.213-220.

ARANTES, Jerônimo. *Como Fizeram Uberlândia*. Uberlândia: [s.n.], 1972.

_____. *Memórias Históricas de Uberlândia: formação da cidade*. 2 ed. Uberlândia: Zardo, 1982.

_____. De onde Uberlândia veio. *Rev. Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n.6, p.3-30, jul.1940.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p.7-24.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 8.ed. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p.1-16.

BRANCO, Elaine Regina; GUIMARÃES, Raul Borges. Eu, os Outros e o Lugar: contribuição da teoria das representações sociais na geografia. *Revista Formação*, Presidente Prudente, v.2, n.12, p.119-130, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Plantar, Colher, Comer: um estudo sobre o campesinato goiano*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

BROCHARD, Victor. A Moral Antiga e a Moral Moderna. Tradução de Jaimir Conte. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, São Paulo, n.8, p.133-146, jan-jun.2006.

BUTTIMER, Anne. Aprendendo o Dinamismo do Mundo Vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1982. p.165-194.

CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 8 ed. São Paulo: 34, 1997.

CARA, Roberto Bustos. Territorialidades e Identidade Regional no Sul da Província de Buenos Aires. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura (Orgs.). *Território: globalização e fragmentação*. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1996. p.261-269.

CARLEIAL, A. Trabalho e Redes de Solidariedade aos Migrantes. *Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Barcelona, v.4, n. 119 (124), 2002. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn119124.htm>>. Acesso em: janeiro de 2006.

CARLOS, Ana Fani A. Definir o Lugar. In: _____. *O Lugar no/do Mundo*. Hucitec: São Paulo, 1996. p.19-27.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. 5 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006. v. 2. p. 17-92.

CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CICOUREL, Aaron. Teoria e Método em Pesquisa de Campo. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). *Desvendando Máscaras Sociais*. Tradução de Alba Zaluar Guimarães. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986. p.87-121.

CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. 2.ed. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta & Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: EdUFSC, 2001. p.63-253.

_____. As Abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, Iná Elias de et al (Orgs.). *Explorações Geográficas: percursos no fim do século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p.89-117.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um Conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato.(Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 15-47.

_____. Geografia Cultural: passado e futuro. Uma introdução. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R.L.(Orgs.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 49-58. (Série Geografia Cultural).

_____; ROSENDAHL, Zeny. Apresentando Leituras sobre Paisagem, Tempo e Cultura. In: _____. (Orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p.1-12.

_____; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Introdução a Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

DEGASPARI, Silvia Dias; VANALLI, Teresa Raquel. Manual de Normalização Documentária para Apresentação do Trabalho Acadêmico. UNESP – Faculdade de Ciências e Tecnologia – Serviço Técnico de Biblioteca e Documentação, Presidente Prudente, 2003. Disponível em: <<http://www.unesp.br>>. Acesso em: 06 maio 2004.

DIAS, Leila Christina. Os Sentidos da Rede: notas para discussão. In: _____. SILVEIRA, R.L.L.da (Orgs.). *Redes, Sociedades e Territórios*. Santa Cruz do Sul: EdUNISC, 2005. p.11-28.

FELIPE, José Lacerda. *A (Re) Invenção do Lugar: os Rosados e o “país de Mossoró”*. João Pessoa: Grafset, 2001. p.9-32.

FERREIRA, Francisco de Paula. *Teoria Social da Comunidade*. São Paulo: Herder, 1968. p.1-62.

FICHTER, J.H. Definições para Uso Didático. In: FERNANDES, Florestan (Org.). *Comunidade e Sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Cia Editora Nacional / EdUSP, 1973. p.153-155.

FOOTE-WHITE, William. Treinando a Observação Participante. In: ZALUAR, Alba (Org.). *Desvendando Máscaras Sociais*. Tradução de Cláudia Menezes. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986. p.77-86.

GUIMARÃES, Eduardo Nunes. A Transformação Econômica do Sertão da Farinha Podre: o Triângulo Mineiro na divisão inter-regional do trabalho. *História & Perspectivas*, Uberlândia, n.4, p.7-35, jan-jun.1991.

HAESBAERT, Rogério. Identidades Territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p.169-190. (Série Geografia Cultural).

HOLZER, Werther. Paisagem, Imaginário, Identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p.149-168. (Série Geografia Cultural).

LOURENÇO, Luís Augusto Bustamente. *A Oeste das Minas: escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista – Triângulo Mineiro (1750-1861)*. Uberlândia: EdUFU, 2005.

LEFEBVRE, Henri. *A Vida do Cotidiano no Mundo Moderno*. Tradução de Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991. p.17-33.

_____. *Introdução à Modernidade*. Tradução de Iehovanira Chrysóstomo de Souza. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969. p.155-183.

_____. *La Présence et L'absence*. Paris: Casternan, 1980.

LUTFI, Eulina Pacheco.; SOCHACZWESKI, Suzanna; JAHNEL, Teresa Cabral. As Representações e o Possível. In: MARTINS, José de Souza (Org.). *Henri Lefebvre e o Retorno à Dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996. p.87-98.

MACIVER, R.M.; PAGE, Charles H. Comunidade e Sociedade como Níveis de Organização da Vida Social. In: FERNANDES, Florestan (Org.). *Comunidade e Sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Cia Editora Nacional / EdUSP, 1973. p.117-131.

MAIA, Carlos Eduardo S. Ensaio Interpretativo da Dimensão Espacial das Festas Populares. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, R.L.(Orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 191-218. (Série Geografia Cultural).

MALINOWSKI, Bronislaw. Objetivo, Método e Alcance desta Pesquisa. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). *Desvendando Máscaras Sociais*. Tradução de Olga Lopes da Cruz. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986. p.39-61.

MARTINS, José de Souza. *Capitalismo e Tradicionalismo: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1975.

_____. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec, 1997. p.9-24.

_____. *O Cativo da Terra*. 2 ed. São Paulo: Livraria Editora de Ciências Humanas, 1981.

_____. As Temporalidades da História na Dialética de Lefebvre. In: MARTINS, José de Souza (Org.). *Henri Lefebvre e o Retorno à Dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996. p.13-23.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Camponeses, Cultura e Inovações. *Campo-Território*, Uberlândia, v.1, n.1, p.41-59, fev.2006.

MOURÃO, Ada Raquel Teixeira; CAVALCANTE, Sylvia. O Processo de Construção do Lugar e da Identidade dos Moradores de uma Cidade Reinventada. *Estudos de Psicologia*, Natal, v.11, n.2, p.143-151, mai-ago.2002.

NASCIMENTO, Dorivaldo Alves do. *História de Uberlândia*. 2 ed. Uberlândia: Grafy, 2000.

OLIVEIRA, Pedro Machado de. *As Heranças Culturais e as Relações de Produção na Comunidade dos Bagres no Município de Vazante-MG*. 2004. 199 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

ORTIZ, Renato. *Um Outro Território: ensaios sobre a mundialização*. 2 ed. São Paulo: Olho D'água, 2000. p.49-70.

PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. *Características da Modernização da Agricultura e do Desenvolvimento Rural em Uberlândia*. 1982. 164 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – IGCE, Universidade do Estado de São Paulo, Rio Claro, 1982.

_____. *Noções Básicas sobre Metodologia do Trabalho Científico: redação do texto científico – algumas normas básicas (material para fins didáticos)*. Uberlândia, 2005.

PEZZUTI, Pedro. *Município de Uberabinha: história, administração, finanças, economia*. Uberlândia: Pró-século XXI, 1922. p.1-73.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O Campesinato Brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos sociais rústicos no Brasil*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: EdUSP, 1973.

RAFFESTIN, Claude. O que é Território? In: _____. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993. p.143-163.

ROSENDAHL, Zeny. O Espaço, o Sagrado e o Profano. In: _____. CORRÊA, R.L.(Orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 231-247. (Série Geografia Cultural).

SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. *Pensando o Espaço do Homem*. São Paulo: Hucitec, 1982. p.37-45.

SANTOS, Rosselvelt José. Pesquisa Empírica e Trabalho de Campo: algumas questões acerca do conhecimento geográfico. *Revista Sociedade & Natureza*. Uberlândia, ano 11, n.21-22, p.111-125, jan-dez.1999.

_____. et al. Significados das Festas: costumes, tradições e saberes. In: SANTOS, Rosselvelt José; ALVES, Kelen Borges (Orgs.). *Registro do Patrimônio Cultural e Edificado das Áreas Diretamente Afetadas, de Entorno e de Influência das Usinas Hidrelétricas de Capim Branco I e II*. Uberlândia: Composer, 2005. p.100-120.

_____. et al. Toponímia. In: SANTOS, Rosselvelt José; ALVES, Kelen Borges (Orgs.). *Registro do Patrimônio Cultural e Edificado das Áreas Diretamente Afetadas, de Entorno e de Influência das Usinas Hidrelétricas de Capim Branco I e II*. Uberlândia: Composer, 2005. p.69-86.

SAUER, Carl O. A Morfologia da Paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p.13-30.

SCHERER-WARREN, Ilse. Redes Sociais: trajetórias e fronteiras. In: DIAS, L.C.; SILVEIRA, R.L.L.da (Orgs.). *Redes, Sociedades e Territórios*. Santa Cruz do Sul: EdUNISC, 2005. p.29-50.

SEEMANN, Jörn. A análise da Toponímia como dimensão histórica na Geografia Cultural. In: União Geográfica Internacional. Comissão sobre o enfoque cultural na Geografia. Reunião do Rio de Janeiro, 2003, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos: Dimensões Históricas da Relação entre Espaço e Cultura*. Rio de Janeiro: UFRJ. 2003. p. 1-20.

SILVA, Armando Corrêa da. O Território da Consciência e a Consciência do Território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura (Orgs.). *Território: globalização e fragmentação*. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1996. p.257-260.

SILVEIRA, Priscilla Rúdis Mota da. A Manifestação da Festa de Pessach em seu Espaço e Tempo de Tradição, Identidade e Simbolismo. *Espaço e Cultura – NEPEC*. Rio de Janeiro, n.21, p.68-77, jan. 2007.

SOARES, Beatriz Ribeiro; CAVALINI, Maria Benedita; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. O Espaço Rural de Uberlândia no Ano de seu Centenário. *Cadernos de Geografia*. AGB – Uberlândia, n.2, dez.1988. 53p.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço geográfico uno e múltiplo. *Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Barcelona, n.5, p.93-103, jul. 2001. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/nova.htm>>. Acesso em: 21 mar. 2003.

TEIXEIRA, Tito. *Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central – História da Criação do Município de Uberlândia*. 1 ed. Uberlândia: Gráfica Uberlândia, 1970. 2 v.

TROLL, Carl. A Paisagem Geográfica e a sua Investigação. *Espaço e Cultura – NEPEC*. Rio de Janeiro, n.02, p.1-7, jun. 1996.

WOORTMANN, Ellen F.; WOORTMANN, Klaas. *O Trabalho da Terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa*. Brasília: EdUNB, 1997.

WWF - FUNDO MUNDIAL PARA A NATUREZA. Programas e Políticas Públicas que Influenciaram a Expansão Agrícola no Cerrado. *De Grão em Grão, o Cerrado Perde Espaço – Cerrado: impactos do processo de ocupação*. Brasília/DF, p.18-22, maio de 1995.

YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec, 1996. p.161-177.

Sites Consultados:

EMATER/MG – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.emater.mg.gov.br>>. Acesso em: dezembro de 2006.

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Disponível em: <<http://www.cnpqc.embrapa.br/publicacoes/ct/ct04/06glossario.html>>. Acesso em: junho de 2006.

MUSEU DO ORATÓRIO. *Oratórios*. Disponível em: <http://www.oratorio.com.br/port/colecao_txt.asp?id_categoria=1&id_subcategoria=0>. Acesso em: junho de 2006.

PAULO II, Papa João. *Audiência*: São José, padroeiro universal da igreja. Disponível em: <http://www.vatican.net/holy_father/john_paul_ii/audiences/2003/documents/hf_jp-ii_aud_20030319_po.html>. Acesso em: 12/2006.

PIVELLO, Vânia R. *Cerrado*. Disponível em: <<http://www.mre.gov.br/CDBRASIL/ITAMARATY/WEB/port/meioamb/ecossist/cerrado/index.htm>>. Acesso em 04/2006.

QUARESMA. *O que é a quaresma*. Disponível em: <<http://www.santamaria.org.br/Conteudo.aspx?A=158&C=468>>. Acesso em: 01/2007.

SEAGRI – Secretaria de Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária da Bahia. *Olerícolas*. Disponível em: <<http://www.seagri.ba.gov.br/Tomate.htm>>. Acesso em: 01/2007.